

GRANDE HOTEL “ABISMO”¹

György Lukács²³

*“Finalmente, nos períodos em que a luta de classes se aproxima da hora decisiva, o processo de dissolução da classe dominante, de toda a velha sociedade, adquire um caráter tão violento e agudo, que uma pequena fração da classe dominante se desliga desta, ligando-se à classe revolucionária, à classe que traz nas mãos o futuro. Do mesmo modo que outrora uma parte da nobreza passou para a burguesia, em nossos dias uma parte da burguesia passa para o proletariado, especialmente a parte dos ideólogos burgueses que chegaram à compreensão teórica do movimento histórico em seu conjunto”.*⁴

Marx e Engels.
Manifesto Comunista.

*“Claro se agita o teatro diante da atuação dos bonecos de seda,
Sob a farinha ocultando sua febre,
E rodeados dos dementes grupos observavam
Que não faltava muito para a quarta-feira de cinzas.*

*Se esgueira rumo ao parque solitário. Através da planície da
Costa. Brevemente faz um sinal para o baile de máscaras,
E se inclina tremendo sobre o gelo. Um estalo,
Logos, o frio silencioso... de longe um chamado ao baile.*

*Ninguém entre os cavalheiros e damas elegantes,
Se deu conta... coberto de mofo e algas,
No entanto, quando na Primavera saíram ao jardim, viram
Brotar com frequência do lago um choro apagado.*

¹ “Grand Hotel ‘Abgrund’”, LUKÁCS, G. *Revolutionäres Denken. Eine Einführung in Leben and Werke*. Luchterhand, 1984, pp. 179-196. O artigo – composto em 1933 – não foi publicado enquanto Lukács vivia. Corresponde a uma cópia mimeografada existente no Arquivo Lukács do Instituto de Filosofia vinculado à Academia Húngara de Ciências, nº 11/76. A segunda parte do texto foi publicada em 1979, com o título de “Totentanz der Weltanschauungen”, em *Helikon, literarischer Beobachter*. Sondernummer: Literatur und Literaturgeschichte in Österreich. Ed. I. T. Erdévi, pp. 297-307. A primeira publicação da primeira parte consta em *Revolutionäres Denken*.

² György Lukács (1885-1971).

³ Tradução de Claudinei Cássio de Rezende a partir de VEDDA, M. y INFRANCA, A. *Ética, Estética y Ontologia*. Buenos Aires: Colihue, 2007, pp. 31-49. Claudinei Cássio de Rezende é doutorando em ciências sociais pela UNESP sob orientação de Prof. Dr. Marcos Del Roio, e bolsista Fapesp de doutorado.

⁴ MARX, K & ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. Tradução de Álvaro Pina. 4ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 49.

*A pequena multidão do jocoso século,
Percebeu que algo raro murmurava dali debaixo,
Mas não se espantou muito com isso,
Apenas acreditou ser o rumor das ondas.”*

Stefan George⁵.
A Máscara.

A sobreposição destas duas citações, seguramente, assombrará a maioria dos leitores. E de pronto, ambas se relacionam entre si porque expressam, com grande força e vivacidade, os dois pólos do movimento de decomposição ideológica no seio de uma classe dominante durante o período de crise revolucionária. A intelectualidade, aquele setor da sociedade que, como consequência da divisão social do trabalho, exerce a produção e a propaganda da ideologia como atividade vital, como base espiritual e material da própria existência, reage com rapidez e sensibilidade extraordinárias frente a todas as trocas de realidade material da sociedade. Não obstante, como exerce a produção de ideologia como ocupação principal, sempre reage dentro da sociedade de classes com falsa consciência; e quanto maior é o desenvolvimento da divisão social do trabalho, quanto mais avança a dissolução material da classe dominante, o faz com uma consciência tanto mais falsa. A divisão social do trabalho traz como consequência necessária a vinculação permanente dos ideólogos com as ideologias contemporâneas e imediatamente precedentes; faz com que sua crítica do presente sempre tome a forma de uma crítica das ideologias contemporâneas e precedentes. Esta forma não é, na enorme maioria dos casos, um mero acontecimento formal. O produtor de ideologia burguesa vive, como consequência das necessidades materiais de sua situação social, na ilusão de que as trocas de sociedade são, por sua própria índole, trocas ideológicas e em última instância resultados de trocas ideológicas. Desta ilusão surge também a fé na liderança social concreta de seu grupo. A partir da contradição entre esta ilusão e o fundamento material do que surge e no que existe, desenvolve-se um dos motivos mais importantes para o caráter oscilante desta intelectualidade “condutora”. Ao reagir com extraordinária rapidez – porém com maior ou menor falsa consciência – ao veloz ir e vir do desenvolvimento econômico, da luta entre as classes decisivas da sociedade, entre a burguesia e o proletariado, reflete, por um lado, a oscilação da pequena burguesia entre a revolução e a contrarrevolução, e outorga a

⁵ Stefan George (1868-1933), poeta lírico alemão. Em sua etapa pré-marxista, Lukács esteve envolvido com o Círculo George, tendo ingressado por intermédio do crítico alemão Friedrich Gundolf (1880-1931). Lukács, inclusive, escreveu um ensaio sobre George: *Die Neue Eismkeit und ihre Lyrik*. Existe uma tradução espanhola em *La Nueva soledad y su lírica*, em *El alma y las formas – Teoría de la novela*. Barcelona, Grijalbo, 1985, pp. 135-150. A citação de George decorre do volume *Der Teppich des Lebens* de 1900.

esta oscilação uma forma ideológica; por outro, expressa em sua produção ideológica, ao menos em parte, sua própria situação específica nas lutas de classes. Sua rápida reação frente às novas trocas, as novas tendências, através da qual antecipa constantemente a média da própria classe, desperta nela a ilusão de ter produzido estas tendências. É como se o termômetro se considera a si próprio a causa do frio ou do calor; o barômetro, a causa do bom ou do mau tempo.

Esta situação geral dos produtores de ideologia se agudiza de um modo extraordinário durante os períodos de decadência da própria classe. O período de decadência se baseia, de um ponto de vista econômico, em que as relações de produção, e com elas toda a superestrutura, se convertem em cadeias de forças produtivas – e tem sido mais esta do que aquela –: a economia da classe então dominante tem sido chocada pela economia de classe que representa o futuro. Na ideologia, em especial nos produtores de ideologia, esta situação se reflete no feito de que se veem obrigados a se enfrentar de modo intenso com a ideologia da classe revolucionária, incluído a incorporar elementos desta ideologia dentro da própria e a transformar sua ideologia, como se esta fosse uma autêntica realização das aspirações progressistas da sociedade. Quanto mais avançado está o processo de decadência de uma classe, tanto menos se encontra esta em condições de manter sua ideologia autêntica, originária e revolucionária e de a defender abertamente. A classe perde a fé no caráter progressista de seus próprios fundamentos econômicos, e com a perda desta fé, também se desmoronam as categorias ideológicas fundamentais precedentes. Por consequência, a classe defende sua economia até derramar a última gota de sangue, o seu antigo método de exploração. Porém, a defesa mais brutal e cínica da exploração só pode se realizar sob a forma demagógica de um ocultamento, de uma poetização destas formas de exploração, apresentando-as de um modo completamente diverso. Os produtores de ideologia que refletem este processo de maneira espontânea na ideologia, muitas vezes de um modo totalmente honesto de um perspectiva subjetiva, brindam – frequentemente de modo involuntário – os maiores serviços para a preservação das decisivas formas de exploração e domínio. E ao tomar de empréstimo elementos da crítica social da ideologia correspondente à classe revolucionária, se convertem, por um lado, em instrumentos de demagogia da classe dominante; por outro, eles mesmos caem, em seu próprio campo, na ilusão geral da pequena-burguesia, colocando-se, entre as classes decisivas, senão por cima de todas as classes da sociedade.

Este processo de decadência produz necessariamente uma ideologia pessimista do desespero. Este desespero é, nos produtores de ideologia, especialmente forte, e em alguns

casos se desenvolve antes que as causas materiais de tal desespero tenham aparecido economicamente com total amplitude e clareza. Leva aos honestos representantes deste grupo ao intento de se separar intelectualmente da ideologia da sua própria classe. Mas o ser social dos intelectuais faz com que este processo de separação seja muito difícil, irregular e contraditório. O ponto de partida ideológico, a vinculação nos problemas ideológicos, faz com que justamente para os ideólogos seja complicada em extremo a clara compreensão do ponto fundamental – em si muito simples – da luta de classes, a divisão em classes, a diferença entre revolução e contrarrevolução: faz com que seja difícil enxergar com clareza a exploração. E, no entanto, não logram encontrar este ponto de Arquimedes, os ideólogos são vítimas permanentes de uma contínua oscilação. Se ideólogos como Bernard Shaw⁶ e Upton Sinclair⁷, que durante toda sua vida se reconheceram como partidários do socialismo e de tanto em tanto sempre se moveram ativamente em direção das argumentações socialistas, puderam ser fortemente influenciados pelo “socialismo” de Mussolini e de Hitler – Bernard Shaw –, ou de Roosevelt – Upton Sinclair –, é claro que este vaivém, o zigue-zague entre revolução e contrarrevolução deve ser muito maior e mais violento naqueles ideólogos menos conscientes, que haviam se dedicado muito menos aos problemas econômicos do presente, que estão muito mais profundamente vinculados ao puramente ideológico. E quanto mais ostensivamente aparece a crise do sistema capitalista, tanto mais ostensivo se volta a barbárie nas formas fascistas de manter a exploração que exerce o capital monopólico, e tanto mais deve voltar-se ao desespero destes ideólogos que não querem se tornar sicofantas de um sistema fascista e que, de um modo, não podem se decidir a realizar o *salto vital* para a classe revolucionária.

Obviamente, o *salto vital* e o completo desespero são pólos extremos que, por isso mesmo, raras vezes se encontram na realidade. Entre ambos decorre o movimento e a intelectualidade nos modos mais diversos da decomposição, da autocrítica, do estancamento doloroso nas ideologias do passado da própria classe que se tornaram vazias (democracia burguesa), do adormecimento e autoengano com projeções míticas, etc. O aprofundamento da crise universal do capitalismo, a crescente difusão da ideologia revolucionária, especialmente a partir do exemplo iluminador da União Soviética, impacta dentro deste desenvolvimento desigual com força crescente e em torno dos melhores elementos da intelectualidade à luta de classes revolucionária do proletariado e os transforma em aliados. Implicaria desconhecer a situação social objetiva dos ideólogos pensar que este processo de decomposição da ideologia burguesa atrairia de modo espontâneo, “por si mesmo”, de modo automático a

⁶ George Bernard Shaw (1856-1950): escritor irlandês, ensaísta e dramaturgo.

⁷ Upton Sinclair (1878-1968): romancista e dramaturgo estadunidense.

intelectualidade ao operariado combativo. Não: este desenvolvimento é muito desigual e o caminho que vai desde a separação da burguesia até a chegada do proletariado tem muitas esquinas, muitos estágios intermediários. E estes estágios intermediários estão dispostos de tal modo que logram deter a um setor da intelectualidade – no estado de desespero crônico, na borda do abismo – no estado de paralisação, de tal modo que um setor da intelectualidade se sente aqui como em casa – no estado de desespero crônico, na borda do abismo – e já não sente desejos de prosseguir. Melhor dizendo: tem o gesto de avanço radical, incluindo a fantasia – honesta – do avanço radical. Mas, objetivamente se move – no estado de desespero crônico à borda do abismo – em círculos constantes.

Localização e habitações do Hotel

Trata-se aqui de literatura de ideólogos e para ideólogos. Nomeadamente, de literatura que muito provavelmente não encontrará alcance efetivo nas massas, já que se dirige de modo imediato à *elite* da intelectualidade. Este caráter específico de tal literatura não deve nos levar a menosprezar de entrada sua influência: pois, em primeiro lugar, é perfeitamente possível que, em determinadas circunstâncias, estes livros consigam influência nas massas. (Pensemos, por exemplo, em *A Montanha Mágica* de Thomas Mann, cuja tiragem superou os cem mil exemplares na Alemanha). Em segundo lugar, a influência indireta de tais livros pode ser comparativamente ampla, na medida em que as ideias que expressam se preparam, vulgarizam-se e se fazem acessíveis para a grande massa da pequena burguesia, graças ao trabalho de jornais, revistas, etc. Esta literatura para a *elite* intelectual burguesa é, portanto, uma parte dos – digamos – dispositivos de proteção ideológicos que a sociedade burguesa produz sem interrupções, e que funcionam de modo automático.

É claro que a parte mais importante da autodefesa ideológica da burguesia é produzida por ela de modo consciente: a difamação do proletariado revolucionário e de sua teoria, o materialismo dialético; as formas mais diversas de apologia da economia e ideologia capitalistas; o falseamento das conclusões ideológicas das ciências naturais, convertendo-as em elementos religiosos; e a falsificação de toda a história, fazendo a partir destas lendas históricas reacionárias: tudo isso é produzido por proxenetas ideológicos da burguesia bem ou mal pagos. Mas é claro que estes dispositivos de proteção, em especial nos momentos de crises, não são suficientes para evitar que a pequena-burguesia e sua intelectualidade rompam com o capitalismo. Para isso se necessita de meios mais sofisticados, mais complicados e menos imediatos; métodos que a sociedade capitalista produz de modo espontâneo graças à divisão social do trabalho e que a burguesia aproveita para seus fins com maior ou menor

destreza. Para este aproveitamento não se necessita, em absoluto, um apoio imediato e visível por parte da burguesia, e em certas ocasiões, este apoio pode resultar em prejuízos. Pois aqui não se trata, à primeira vista, de transformar intelectuais em partidários entusiastas da ordem social burguesa, em adoradores fanáticos da cultura existente. Ao contrário. Esta literatura leva a cabo perfeitamente o objetivo da burguesia de se deter a um setor da intelectualidade, que, como consequência dos efeitos da crise econômica e cultural tem se tornado inimigo da classe atual, a que se despreza, antes de extrair consequências práticas reais desta hostilidade e desprezo. Este setor da intelectualidade bem pode ocupar um lugar de oposição radical frente a sociedade e a cultura. Se esta oposição não se dirige à superação da exploração, se toda a sua ação ideológica se orienta a “aprofundar” a crítica e as análises da crise cultural, de tal modo que esta “profundidade” desaparece por completo um fenômeno tão “superficial” como a exploração econômica, então este tipo de oposição pode ser muito bem recebida pela burguesia. E, sob determinadas circunstâncias, tanto menor recebida – por ser mais efetiva – quanto maior seja seu radicalismo, ao levar até o final sua linha crítica.

Esta situação não varia no mínimo se estas oposições devem suportar de tanto em tanto um certo grau de perseguição. Conhecemos muito bem, graças à história das grandes lutas de classes, quão grande é o papel que desempenha na manutenção do sistema capitalista a manobra de distração da oposição aparente. Basta pensar na socialdemocracia.⁸ Hitler ou Dolfuss⁹ podem dissolver organizações socialdemocratas, aprisionar seus funcionários em campos de concentração, mas a socialdemocracia segue sendo o pilar social fundamental da burguesia na Alemanha ou na Áustria; precisamente porque com seu comportamento, em aparência, opositor, persuade as massas de trabalhadores a empreender a luta de classes, em verdade revolucionária, contra o sistema fascista: eis aqui a periculosidade peculiar da socialdemocracia “de esquerda” e de seu palavreado revolucionário. A literatura que aqui caracterizamos não há de ser colocada num paralelo mecânico com a socialdemocracia. Seus melhores representantes – e só com os melhores vale a pena discutir ideologicamente – não são delinquentes pagos como os líderes socialfascistas, e sim críticos honestamente convencidos que desprezam a cultura contemporânea.

Não devemos esquecer que no período imperialista os limites entre oposição honesta sobre um fundamento burguês, no terreno ideológico, e o suborno direto ou indireto por parte

⁸ Este ataque à socialdemocracia, como também este ceticismo testemunhado frente a figuras que, como a de Thomas Mann, se converteram logo em pilares da teoria lukacsiana, a partir das posições políticas assumidas por Lukács durante a primeira metade da década de 1930.

⁹ Engelbert Dollfuss (1832-1934): fundador socialista cristão de um sistema de governo autoritário na Áustria. Morreu vítima de um golpe nazista.

do capitalismo se voltam muitas vezes a imprecisos e experimentam formas de transição difíceis de definir. O surgimento de um amplo setor de intelectualidade parasitária, a penetração do capitalismo em todas as áreas da indústria de consumo e paralelamente em todas as áreas da produção material da cultura tem trocado de modo radical a situação dos movimentos de oposição burgueses. Enquanto que em épocas anteriores os ideólogos opositores deviam suportar um prolongado período de fome antes de triunfar ou capitular diante das tendências predominantes, ou de fechar compromissos com elas, no período imperialista são financiadas de antemão por meios capitalistas muitas correntes opositoras na literatura e na arte também nos casos em que tudo parecia indicar que sua repercussão não superará jamais um estreito círculo de intelectualidade. Não há dúvida alguma que com isso se tem criado, em especial, na literatura e na arte, um espaço mais amplo para as atividades das correntes de oposição e em aparência mais livre que o existente em épocas anteriores. Tampouco há dúvida de que com isto a liberdade também se tem tornado mais aparente do que antes. Também aqui não pensamos na corrupção direta: ao menos em muitos casos não é assim. A corrupção mais refinada e sem intenção, a transformação das oposições ideológicas em parte integrante de todo o sistema parasitário surge, precisamente, graças a esta ilusão de um espaço amplo de livre atividade, por meio da ilusão de que é possível exercer uma crítica apaixonada e radical do todo existente sem correr perigos materiais ou morais. A corrupção refinada e sem intenção se baseia precisamente na tendência natural da intelectualidade, dos produtores de ideologia, a manter sua crítica do presente em forma “distinguida” dentro do âmbito da pura ideologia, com o qual brindam um apoio invisível, porém muito brutal e significativo, para os momentos de crises. Aquele limite invisível neste âmbito que separa o permitido do proibido, o tolerável do intolerável para a burguesia, o oposto – de uma perspectiva objetiva – só em aparência ao autenticamente revolucionário, se converte em limite da tolerância material por parte da burguesia, em questão de existência material para este setor intelectual. E a experiência nas medidas ideológicas de repressão por parte do movimento de oposição mostra que tais dispositivos, baseados materialmente na autocensura, em ocasiões funcionam com maior sutileza e confiabilidade que uma repressão brutal e direta das liberdades de expressão. Em especial quando se permite, dentro desses limites invisíveis, o radicalismo mais extremo, a crítica mais implacável do todo existente, a convicção revolucionária mais apaixonada, sem tomar nenhuma represália. Este limite invisível se amplia ou se reduz segundo o estado da luta de classes do momento. Destarte, tampouco este movimento segue uma linha reta. Há no curso do desenvolvimento da burguesia períodos de perigo em que seu ponto de vista simplesmente é “quem não está contra mim, está comigo”, e

há períodos em que, como no fascismo atual alemão, este lema é invertido: “quem não está comigo, está contra mim”. E, por isso mesmo, entre estes dois extremos existem muitas numerosas transições. E naturalmente também em um marco de represálias se podem construir tais estágios de transição ideológica, tais armadilhas; e também dentro de um contexto de represálias, podem se encontrar possibilidades para fornecer estes estágios para serem confortáveis, tanto em plano material como no espiritual. O decisivo e comum nestes estágios de transição é precisamente o limite invisível que destacamos, que não deve trespassar sob nenhuma circunstância, cujo âmbito, no entanto, se permite o radicalismo mais ousado e vigoroso.

Esta é uma localização social do Grande Hotel “Abismo”. Cada dia está mais evidente que os problemas do capitalismo decadente se tornam insolúveis. Permanentemente se ampliam os setores da melhor parte da intelectualidade que já não podem se fechar os olhos diante deste pesadelo, diante da impossibilidade de resolver aqueles problemas cuja solução é a base vital específica destes setores, e cuja resposta conforma a base material e espiritual de sua existência. Precisamente a parte mais séria e melhor destes setores chega até aquele abismo que permite perceber a insolubilidade destes problemas. À borda do abismo, divisa-se duas perspectivas: por um lado, um beco sem saída intelectual, a anulação da própria existência intelectual, a queda no abismo do desespero; por outro, o *salto vital* ao campo do proletariado revolucionário, o *salto vital* ao futuro luminoso. Esta escolha é de uma extraordinária complexidade para um produtor literário, precisamente, em qualquer circunstância. Porque para lograr dar este salto, tais produtores devem se transformar espiritualmente em um grau muito maior que qualquer outro setor da sociedade. Devem apartar de si aquela ilusão que tem sido o produto necessário de sua situação de classe e a base de sua completa visão de mundo e de sua existência espiritual: a ilusão da prioridade da ideologia frente ao material, ao econômico; devem abandonar a “digna” altura desde as que formularam seus problemas e soluções até então, e aprender a entender que as formulações de questões econômicas cotidianas – “brutais”, “ordinárias”, “sólidas” – conformam o único ponto fixo a partir de qual podem encontrar uma solução os problemas até então insolúveis para eles.

O Grande Hotel “Abismo” tem sido disposto – sem intenção – para dificultar mais este salto. Já temos falado até aqui do conforto material, todavia relativo, que a burguesia parasitária do período imperialista pode oferecer aos seus opositores ideológicos. Mas a relatividade deste conforto material, sua austeridade e insegurança em comparação com aquele que a burguesia oferece aos seus proxenetas ideológicos diretos, contam também entre

os elementos de conforto espiritual. Reforça a ilusão da independência da burguesia, de “estar sobre as classes”¹⁰, a ilusão do próprio heroísmo, da própria disposição para o sacrifício, a ilusão de haver rompido já com a burguesia, com a cultura burguesa, e tudo isto quando todavia se está com ambos os pés sob terreno burguês.

O conforto espiritual do Hotel se concentra na estabilização destas ilusões. Se vive aqui na mais exuberante liberdade espiritual: tudo está permitido; nada escapa à crítica. Para cada tipo de crítica radical – dentro dos limites invisíveis – existem habitações especialmente desenhadas. Se alguém quiser fundar uma seita em busca de uma mágica solução ideológica para todos os problemas da cultura, ali encontrará à sua disposição salas de reunião destinadas a este propósito. Se um “solitário” que sozinho e incompreendido por todos, busca seu próprio caminho, ali receberá uma habitação extra especialmente desenhada na qual, rodeado por toda a cultura do presente, possa viver “no deserto” ou na “célula monástica”. O Grande Hotel “Abismo” se presta para todos os gostos e está locado provisoriamente para todas as orientações. Toda forma de embriaguez intelectual, porém também toda forma de asceticismo, de autoflagelação, está igualmente permitida; e não só permitida, senão ali há também bares equipados com grande esplendor, que contam com instrumentos e aparatos de tortura fabricados com excelência para esta necessidade. E não só para a sociedade; também está equipado para a sociabilidade de todo tipo. Cada um, sem ser visto, pode ser testemunha da atividade de qualquer outro. Todos podem ter a satisfação de representar o único ser sensato na Torre de Babel da loucura universal. A dança macabra das cosmovisões que tem lugar a cada dia e a cada noite neste hotel se volta, para seus habitantes, numa agradável e excitante banda de jazz, com cuja música se podem recuperar da desgastante atividade do dia. Deveríamos nos assombrar que muitos intelectuais, ao final de um caminho desgastante e desesperador, se contentem em dar conta dos problemas insolúveis da sociedade burguesa de um ponto de vista burguês; de que, ao chegar na borda deste abismo, preferiram se instalar com comodidade neste hotel antes de quitar seus resplandecentes vestidos e se atrever a dar o *salto vital* por cima do abismo? Deveríamos nos assombrar que este hotel, luxuosamente equipado para as cúpulas mais elevadas da intelectualidade, tenha por todas as partes suas cópias mais provincianas e menos luxuosas no interior da intelectualidade e da pequena burguesia? Na sociedade burguesa de nossos dias, há toda uma série de transições que vão

¹⁰ Alusão à teoria sobre os intelectuais desenvolvida por Karl Mannheim em *Ideologie und Utopie* (Ideologia e Utopia), de 1929. Segundo Mannheim, a intelectualidade – à que se designa com o término, clássico desde então, de *intelectualidade flutuante* [*vorschwebende Intelligenz*] constitui um setor autárquico, livre das limitações ideológicas e da “falsa consciência” das quais se encontram dominados os outros grupos sociais.

desde as bandas de jazz, orquestradas com refinamento, de dança macabra das cosmovisões, até os coros ordinários e gramofones de bares autênticos, donde também se bebe e tem lugar a dança macabra das cosmovisões burguesas, a maioria das vezes, de um modo completamente inconsciente para o pequeno-burguês ali presente.

O Grande Hotel “Abismo” não exige de seus clientes nenhuma legitimação, só a de nível espiritual. No entanto, nesta completa liberdade, os efeitos do limite invisível se fazem sentir com maior intensidade. Pois o nível espiritual para a intelectualidade burguesa consiste precisamente em tratar os problemas ideológicos de um modo puramente ideológico, isolados no círculo mágico da ideologia. Tais estágios intermediários, dispostos para a intelectualidade no caminho do passado fazia o futuro, da classe opressora fazia a classe revolucionária, sempre tendo existido, desde que o proletariado ingressou na luta de classes com força autônoma, desde que o tópico de anular a exploração se transformou em lema de batalha de combate entre “duas nações”. Marx reconheceu com clareza esta ideologia enquanto ela estava surgindo, nos neohegelianos¹¹ radicais, e a criticou de modo aniquilador. Esta crítica do neohegelianismo conforma, para ele, o fundamento de toda a crítica dos estágios intermediários e de seu significado político e social. Escreve Marx:

Dado que para esses jovens-hegelianos as representações, os pensamentos, os conceitos – em resumo, os produtos da consciência por eles autonomizada – são considerados os autênticos grilhões dos homens, exatamente da mesma forma que para os velho-hegelianos eles eram proclamados como os verdadeiros laços da sociedade humana, então é evidente que os jovens-hegelianos têm de lutar apenas contra essas ilusões da consciência. Uma vez que, segundo sua fantasia, as relações entre os homens, toda a sua atividade, seus grilhões e barreiras são produtos de sua consciência, os jovens hegelianos, conseqüentemente, propõe aos homens o seu postulado moral de trocar sua consciência atual pela consciência humana, crítica e egoísta e de, por meio disso, remover suas barreiras. *Essa exigência de transformar a consciência resulta na exigência de interpretar o existente de outra maneira, quer dizer, de reconhecê-lo por meio de uma outra interpretação.*¹² Os ideólogos jovens-hegelianos, apesar de suas fraseologias que têm a pretensão de “abalar o mundo”, são os mais conservadores. Os mais jovens dentre eles encontraram a expressão certa para qualificar a sua atividade, quando afirmam que lutam apenas contra *fraseologias*. Esquecem apenas que, a essas fraseologias, não opõem nada

¹¹ Por neohegelianos alude-se aqueles filósofos – antes de tudo, Arnold Ruge, David Friedrich Strauss, Bruno y Edgar Bauer – que, depois da morte de Hegel, procuraram defender o método dialético a expensas do sistema filosófico hegeliano. Marx e Engels criticaram duramente o neohegelianismo em *A Sagrada Família* (1844) e em *A Ideologia Alemã* (1845-6).

¹² Grifo de Lukács.

além de fraseologias, e que ao combaterem as fraseologias deste mundo, não combatem de modo algum o mundo real existente.¹³

No neohegelianismo radical, em Bruno Bauer¹⁴ e Stirner, este reconhecimento peculiar do existente por meio de uma crítica da consciência, por meio de um intento radical de transformação da consciência, já havia tomado a forma de pretender superar a teoria do proletariado revolucionário pensando radicalmente todos os problemas até as últimas consequências. Com a agudização da luta de classes, esta tendência aparece de um modo cada vez mais intenso, sob formas sempre distintas. A ambígua situação social da pequena-burguesia leva a que as ideologias despojadas do proletariado revolucionário se veem obrigados a se mover em extremos opostos. Enquanto o pequeno indivíduo, que gira sobre si mesmo como um catavento, treme diante da possibilidade de perder suas terras e teme que, com o socialismo, sejam socializadas também suas mulheres, o pequeno-burguês à beira da loucura deve ser conduzido intelectualmente “mais adiante do socialismo”. É necessário ver o quão inconseqüente, o quão dogmático, o quão filisteu é o socialismo do movimento operário, e o quão necessário é para os “espíritos livres” buscar e encontrar algo muito mais radical; se se queira que os problemas sejam resolvidos “realmente” e não como soluções de compromisso como no socialismo. Precisamente para isto, é extraordinariamente apto o radicalismo na crítica ideológica. Já que, por um lado, aqui não há nenhum limite de controle para realizações utópicas de projetos; por outro, a revolução projetada deste modo é incomparavelmente “mais profunda” que a revolução proletária, já que por meio daquela não são (ou não serão) revolucionados os fenômenos econômicos “superficiais” da vida, sem também o homem mesmo, a alma, o espírito, a cosmovisão. E como a revolução econômica “superficial” é tratada com indiferença, qualquer parasita rentista pode participar desta “revolução radical”, sem ter que temer que a revolução, a “autêntica revolução”, ponha em perigo o desfrute de sua renda.

Este “ir radicalmente até as últimas consequências” se expressa no plano intelectual através da transformação de uma dialética objetiva em sofística subjetivista, em um relativismo radical. “A diferença entre subjetivismo (ceticismo, sofística, etc.) – disse Lenin – e dialética consiste, entre outras coisas, em que a dialética (objetiva) também é relativa a diferença entre relativo e absoluto. Para a dialética objetiva, também no relativo está o

¹³ MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia Alemã*. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. Texto final de Rubens Enderle e supervisão de Leandro Konder. São Paulo: Boitempo, 2007. P. 84.

¹⁴ Bruno Bauer (1809-1882): teólogo e filósofo alemão.

absoluto. Para o subjetivismo e a sofística, o relativo é só relativo e exclui o absoluto” (*Sobre a questão de dialética*). A expulsão radical de todo tipo de absoluto do campo de pensamento é, aos olhos dos habitantes do hotel e de seus admiradores, não só um gesto revolucionário magnânimo que deixa atrás de si a teoria “dogmática” do proletariado como algo próprio da pequena-burguesia¹⁵, sem que acredite, ademais, naquela atmosfera de eterno estado de suspensão, uma espécie de apreensão diante de qualquer decisão baseada em “integridade intelectual”, consciência científica, profundidade ética; apreensão que faz muito agradável a vida no Hotel “Abismo”, já que se tem poetizado felizmente a própria incapacidade para eger entre as classes em luta e se tem transformado em uma esfera sublime por cima das pequenas lutas cotidianas. E o feito que todavia se tem tomado partido – e quanto mais inconscientemente, melhor – e por certo a favor dos opressores e exploradores, funda o valor que este hotel e seus habitantes têm em determinados períodos para a burguesia.

Tudo isso, contudo, ainda não esgota o valor que tem este relativismo para manutenção da ordem burguesa e de sua ideologia. O estado de suspensão do ceticismo radical só pode ser mantido de modo consequente em períodos muito especiais e de modo excepcional. O absoluto que se tem fortalecido pela porta retorna sempre e se esvai pela janela. Mas é outro absoluto. Se tem separado do pensamento o absoluto da realidade objetiva, e o que se filtra no retorno é o absoluto inventado do mito religioso. Se é impossível demonstrar de modo científico que a Terra gira em torno do sol e não o sol que gira em torno da Terra, então, em primeiro lugar a história da criação mosaica e a teoria Kant-Laplace¹⁶ se encontram no mesmo nível de “hipóteses de trabalho” indemonstráveis. No entanto, muito rapidamente se pode observar que, de ambas as hipóteses, a mosaica tem uma proeminência em relação aos valores humanos, morais, metafísicos. E, em especial, é claro, que as “experiências” religiosas de videntes e santos são “feitos” tanto como o são os experimentos científicos dos físicos e químicos em seus laboratórios. Já que em ambos os casos se “coloca entre parêntese”¹⁷ de modo cético, relativista, o conteúdo de verdade, a relação com a realidade objetiva, é possível investigar com imparcialidade estas experiências religiosas e integrar, sem mais, seu conteúdo “universalmente humano” ou eticamente exemplar na visão

¹⁵ Toda esta passagem encerra uma nova alusão a Mannheim; a própria alusão a um “estado de suspensão” [*Schwebezustand*] remete a *freischwebende Intelligenz* caracterizada pelo autor de *Ideologia e Utopia*.

¹⁶ Teoria sobre a constituição do sistema planetário.

¹⁷ Colocar entre parêntese, expressão utilizada por Husserl [*In Klammern setzt*] para se referir à redução fenomenológica.

de mundo relativista. (William James¹⁸, Scheler¹⁹, etc.). Assim surge, paulatinamente, “em forma científica minuciosa”, uma nova religião para os instruídos, uma religião para aqueles que se tem voltado imunes à simples e habitual sonolência religiosas das igrejas. Se deste modo se funda uma nova religião de forma sectária, ou se prega, na troca, uma forma de ateísmo religioso, em ambos os casos se chega ao mesmo, já que a nova religiosidade tem a mesma função social que a antiga, só que se dirige aos setores que já não podem ser alcançados por esta última.

Um sacerdote católico que viola juvenzinhas [...] é muito menos perigoso para a “democracia” que um sem batina, um sacerdote sem religião, um sacerdote ideal e democrático que prega a criação de um novo deus. Pois o primeiro se pode desmascarar com facilidade e não é difícil o condenar e se livrar dele, mas do segundo não é possível se livrar com tanta facilidade, é mil vezes mais complicado descobri-lo e nenhum frágil e cambaleante pequeno-burguês se atreverá a condená-lo. (Lenin a Gorki, 14 de novembro de 1913).

Este deslizamento que o relativismo cético fazia da mística reacionária cresce em importância à medida que avança o processo de decadência da burguesia. Este processo de decadência se reflete de modo ideológico na crescente decomposição do pensamento progressista burguês. No período de ascenso da burguesia, a ideia de progresso era criticada – com sagacidade – somente por ideólogos das classes feudais e semifeudais, que se encontravam em decadência e estavam sendo deixadas de lado. A intelectualidade que se afastou da burguesia e que está à metade do caminho entre esta e o proletariado, combateu, por um lado, a linearidade e o otimismo estreitos desta ideia de progresso; por outro, tentou separar do radicalismo a ideia de progresso. (O exemplo de Bruno Bauer, criticado por Marx, mostra que este radicalismo não conduz necessariamente a ideia materialista de progresso, que se pode voltar, pelo contrário, reacionária).

Na crise generalizada do capitalismo, também este problema adquire novas funções. Já com o parasitismo imperialista, a ideologia progressista perdeu o seu poder de atração também dentro da burguesia. A generalizada carência de fé no progresso aumenta no senso da intelectualidade um ritmo intenso e com ela cresce de forma paralela e com força cada vez maior a inclinação a flertar com ideologias reacionárias. A crise generalizada do capitalismo

¹⁸ William James (1842-1910): filósofo estadunidense, representante de um empirismo radical antimaterialista, fundador do pragmatismo.

¹⁹ Max Scheler (1874-1928): filósofo e sociólogo alemão; tentou construir uma ética material dos valores. Sociólogo da ciência.

arranca este complexo problemático do estreito círculo da intelectualidade e o coloca no meio da arena da luta de classes. A pequeno-burguesia ameaçada e sacudida em seus fundamentos materiais pela crise generalizada, desenvolve-se com precipitação a um capitalismo espontâneo confuso. De modo também espontâneo surge, sobre esta base, uma ideologia reacionária em suas formas e conteúdos, mas que tem a peculiaridade de que pode descartar a cada momento seus conteúdos reacionários, deixar cair suas roupagens reacionárias para vestir uma revolucionária. Esta tendência de troca se acelera, objetivamente, pelo aprofundamento da crise geral do sistema capitalista; subjetivamente, por meio da influência crescente do Partido Comunista. A burguesia deve empregar todos os meios para manter este movimento em águas navegáveis reacionárias, a fim de impedir o esclarecimento da confusão espontânea. Aqui não podemos sequer tracejar uma análise de todo este sistema de desvios e rodeios do socialfascismo ao fascismo aberto. Mas é claro que nesta situação deve aumentar constantemente o entrecruzamento de relativismo e misticismo no interior do Hotel “Abismo”; é claro que o ceticismo relativista da elite intelectual há de se transformar cada vez mais rapidamente em uma mitologia religiosa, disfarçada de revolucionária e radical. E precisamente numa crise deste tipo – que firmava cada vez mais o cimento das antigas autoridades, enquanto as massas (também pequeno-burguesas) anseiam uma nova orientação e condução, a fim de encontrar uma saída de uma situação que se põe insuportável –, devem aumentar para a burguesia, o valor e a importância do Hotel “Abismo”. Pois enquanto a luta oscila de modo ostensivo, enquanto a crise do sistema aparece abertamente aos olhos das massas, a burguesia se envolve numa questão de vida ou morte para apartar a luta aberta contra o sistema a todo setor que não possa incorporar para a defesa aberta de seu sistema. Somente o fascismo no poder pensar que este apoio é dispensável. Por todos os meios do entusiasmo demagógico intenta sugerir as massas com o ingresso a uma nova época que nada tem a ver com a antiga “burguesia liberal”. Enquanto os fascistas creem que esta sugestão se sustenta, a intelectualidade em decomposição é expulsa ou oprimida e o Hotel “Abismo” é derrubado. Mas a necessidade social de sua existência não pode ser eliminada. No exterior, já tem sido aberta as filiais e dependências – obviamente, equipadas com menos luxo – do velho hotel. E com a inevitável manifestação da redução e desbaratamento de suas bases sociais, também o fascismo no poder se verá obrigado a levantar ou, ao menos, a impedir que seja levantado um novo Hotel “Abismo”, com outra fachada e outra disposição interna.

Porque a avalanche da crise econômica e cultural, a intensificação da luta de classes, a influência crescente do Partido Comunista, a crescente força de atração da estruturação

socialista e da revolução cultural na União Soviética não de continuar exercendo um efeito destruidor sobre a ideologia burguesa. A eclética miscelânea das ideologias reacionárias do período imperialista, que o fascismo hegemônico sintetiza em uma teoria e prática da barbárie, tampouco poderá satisfazer a intelectualidade honesta latente. Esta deve buscar uma nova orientação, deve se mover entre a burguesia e o proletariado, e quanto mais força cobre este movimento, tanto maior será a necessidade de o deter, de o separar de sua aproximação com o proletariado revolucionário. E precisamente neste período de contrarrevolução fascista, a redução do campo de visão espiritual ao puramente ideológico, a visão de mundo conseqüentemente idealista, adquire um significado de classe cada vez maior. Por acaso a demagogia social do fascismo, do “socialismo” alemão, só é possível sobre a base ideológica de uma acentuada supremacia da ideologia sobre a base material? Um verdadeiro desmascaramento e conseqüente desarticulação da ideologia fascista somente podem ter êxito sobre a base do contraste, estabelecida de forma materialista, entre palavras e feitos. Qualquer ideologia que impeça o despertar das massas para esta perspectiva única, que corresponda a seus verdadeiros interesses, vai – quer queira, quer não – ao auxílio da demagogia social, afasta as massas de uma compreensão real da demagogia social. Como o relativismo sofístico do período imperialista surge no seio de todas aquelas tendências ideológicas (agnosticismo²⁰, irracionalismo, “filosofia da vida”, mito, sucessor moderno da religião, etc.) que o fascismo tem unido de modo eclético em sua filosofia da barbárie; como este relativismo sofístico permanece atado no âmbito da mais pura ideologia precisamente frente a esta tendência, com todos os gestos hipercríticos e hiperradicais, não pode levar a cabo nenhuma verdadeira luta ideológica contra o fascismo. Sobre este selo ideológico tende a surgir sempre, de modo espontâneo, o Grande Hotel “Abismo”, tanto em questões de imigração ou, ilegalmente, na Alemanha de Hitler, ou eventualmente tolerado pelo fascismo sob novas formas. A necessidade de uma ruptura radical com esta construção ideológica da vida interior, a necessidade de se queimar esta construção e de dar o *salto vital* salvador, se faz cada vez maior. Incorpora com força cada vez maior os melhores elementos da intelectualidade alemã. Mas as raízes de uma parte considerável da *elite* intelectual no seio do capitalismo está tão forte, que o Grande Hotel “Abismo” não pode ser verdadeiramente aniquilado nem sequer pelo fascismo.

²⁰ Doutrina que sustenta a impossibilidade de se conhecer o ser autêntico, a verdade, a realidade.